

O LÉXICO DA COMUNIDADE TIROLESA DE PIRACICABA

Everton Altmayer Leopoldino¹

RESUMO: Neste artigo discute-se a influência lexical da variante caipira do português no contexto lingüístico da comunidade tiroleza da cidade de Piracicaba, que mantém o dialeto trentino há mais de um século. Pretende-se apresentar os níveis de preservação desse léxico caipira no dialeto da comunidade, assim como as adequações fonéticas e morfológicas ali ocorridas pelo contato da variante do português piracicabano com o dialeto trentino trazido na emigração tiroleza.

PALAVRAS-CHAVE: Tirol; Trentino; Piracicaba; Variante caipira; contato lingüístico.

1. Introdução

Os empréstimos lexicais da variante caipira do português existentes no dialeto trentino da comunidade tiroleza de Piracicaba, no Estado de São Paulo, são fruto do contato lingüístico ali existente há mais de um século. A comunidade se concentra em dois bairros rurais vizinhos, Santana e Santa Olímpia (incluindo Fazenda Negri), e é formada em sua grande maioria por descendentes de tirolezes (trentinos²) que preservam, decorridos mais de cem anos, duas variantes dialetais trentinas próprias a cada bairro. O dialeto trentino (ali chamado *tirolés*) é mantido, sobretudo, pelas gerações mais velhas de descendentes, uma

¹ Pós-graduando na área de Filologia e Língua Portuguesa pelo Departamento de Letras Clássicas e Vernáculos – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP), sob orientação do Prof. Dr. Mário Eduardo Viaro (USP). Bolsista FAPESP.

² Tirolezes de língua italiana, também chamados em alemão *Welschtiroler*. A atual Província Autônoma de Trento (Trentino) forma juntamente com a Província Autônoma de Bolzano (Südtirol) uma região autônoma italiana, localizada nas áreas alpinas do extremo norte do país, fazendo divisa com o Tirol austríaco ao norte. O Trentino (outrora *Welsch-Südtirol*, *Welschtirol* ou *Tirol italiano*) formava até 1918, juntamente com o atual Tirol austríaco, o Estado do Tirol (*Land Tirol*). As origens do Trentino remontam à instituição do principado episcopal de Trento por Carlos Magno; com a influência política dos condes do Tirol (oriundos de Meran / Merano) a região foi também administrada pelo condado tirolês e no século XV formava a Federação do Tirol (Federatio Tirolensis), que unia o poder eclesiástico tridentino e a administração política austríaca. O Tirol histórico permaneceu unido sob o Império Austríaco até o final da I Guerra Mundial.

vez que não existem mais imigrantes vivos. Ambas as variantes dialetais ali mantidas são referentes aos locais de onde saíram as famílias de emigrantes que compuseram a população local: o bairro de Santana preserva os falares da região de Cortesano, Meano e Vigo Meano e o bairro de Santa Olímpia (que inclui a Fazenda Negri) preserva os falares de Romagnano e Sardagna, ainda que algumas famílias do bairro sejam também oriundas de Cortesano. As duas variantes pertencem ao mesmo subdialeto trentino da região de *Val dell'Adige (Etschtal)* classificado por BATTISTI (1936) como *grupo lingüístico do Trentino centro-occidental*, por sua posição entre duas áreas lingüísticas definidas: ao sul com a variedade da cidade de Trento, com a qual divide várias características; ao norte com o falar semiladino de *Val di Fiemme* em direção à região de língua ladina (dolomítica) de *Val di Fassa*. Por ser de uma região alpina limítrofe entre a Itália e a Áustria, o dialeto trentino recebeu influências do idioma ladino (seu antigo substrato) e do alemão (VIARO, 2001).

Como afirmado, no Bairro Santana é mantida a variante dialetal dos distritos de *Meano*, *Vigo Meano* e *Cortesano*, que são muito próximas, senão a mesma. Entretanto, no Bairro Santa Olímpia formou-se uma *koiné* trentina dos falares de *Romagnano*, *Sardagna* e *Cortesano* (este último distrito se diferencia no falar quando comparado aos anteriores), onde prevaleceram as características de *Romagnano* e *Sardagna*, próximas ao falar da cidade de Trento. A principal característica de diferenciação entre as duas variantes se dá no plano fonético, pois no lexical existem poucas diferenças; em Santana prevalece o uso das africadas desvozeada e vozeada (exemplos: *cìgola* ['tʃigola] <cebola>; *giöch* ['dʒøk] <jogo>), que em Santa Olímpia se realizam com as fricativas desvozeada e vozeada³ (exemplos: *zìgola* ['sigola]; *zöch* ['zøk]).

O dialeto da comunidade mantém também arcaísmos lexicais, hoje raros no falar trentino (*pàita* ['pajta] <preguiça>; *scaravànzi* [skara'vansi] <ervilha / *scaravànci* [skara'vantʃi] <ervilha>; preserva as vogais anterior *ü* [y] e posterior *ö* [ø] (*föch* ['føk] <fogo>; *süt* ['syʔ] <enxuto>), cada vez mais em desuso no dialeto trentino europeu. A comunidade mantém muitos costumes e tradições da terra de origem e o uso do dialeto é uma dessas características que a diferenciam no contexto regional; os descendentes utilizam muitas palavras dialetais na variante falada do português, inclusive com influências no

³ O dialeto trentino utiliza o símbolo z tanto para representar as fricativas alveolares vozeada e desvozeada, cuja pronúncia no dialeto trentino muitas vezes se alterna nas variantes.

plano articulatório, que lembram os falares coloniais do Sul, e que LEME (2002) chamou de *variante misturada*. Tal modo de falar identifica os habitantes dos bairros no contexto regional, sendo logo chamados *tirolese*s quando em contato com os demais piracicabanos.

O trentino foi o idioma de uso cotidiano de toda a comunidade até meados da década de 1970, quando ocorreu uma “ruptura” cultural e social causada pela busca de melhores condições de vida e emprego fora da comunidade. Esse período marcou a entrada definitiva do português na fala das gerações mais novas, inclusive por influência da escola, quando as professoras (vindas de fora) privilegiavam o português e estigmatizavam o dialeto trentino, que se mantém hoje no falar dos indivíduos mais velhos da comunidade.

Os falantes mais velhos do trentino, em situações de fala do português, apresentam dificuldades de comunicação e trazem muitas interferências do dialeto, que mesclam com o português da variante caipira piracicabana. Os mais jovens da comunidade falam somente o português (com raros casos de falantes bilíngües), mas apresentem um considerável número de palavras trentinas no seu vocabulário. Uma vez que uma comunidade lingüística não é homogênea nem autosuficiente em seu sistema lingüístico (WEINREICH 1953), a realidade de bilingüismo na comunidade é bastante diversa, e não se pode estabelecer um parâmetro de acordo com a faixa etária, pois há núcleos familiares onde o léxico trentino limita-se a poucas palavras.

2. Características fonéticas do português entre os descendentes tiroleses

Ao tratarmos dos aspectos sociais e lingüísticos que moldaram o falar característico da comunidade, é importante ressaltar que sua linguagem foi formada em dois casos de contato: o primeiro ocorreu entre as variantes dialetais trentinas dos primeiros imigrantes quando das fundações dos bairros; o segundo entre o dialeto trentino e o português. Este último caso pode ser subdividido em duas situações:

a) contato com a variante caipira de Piracicaba (contato com habitantes de outras localidades da cidade);

b) contato com a variante culta do português (português padrão), referente principalmente às novas gerações que se emancipam para fora da comunidade (nos estudos da escola, da faculdade e no trabalho).

Nosso principal interesse neste artigo é no contato entre o dialeto trentino e a variante caipira do português, que em Piracicaba mantém muitas de suas características. A cidade é dividida em cinco distritos, além do centro e os bairros rurais que formam a comunidade tiroleza pertencem ao distrito de Santa Teresinha, onde a variante caipira é encontrada com mais frequência do que na região central. A influência do português no trentino foi sobretudo de caráter lexical, com casos raros de influência fonológica (como o uso da lateral palatal vozeada [ʎ]) e morfossintática (casos de empréstimos como ['nar m'bɔra] <ir embora>). A influência do trentino na fonologia do português é muito maior e aparecem na variante falada do português da comunidade entre todas as gerações de descendentes.

É característico do falar piracicabano o uso da retroflexa alveolar vozeada [ɺ] em posição pré-vocálica ['ɺapidu] e pós-vocálica [sina'leɺu], pré-consonantal [uɺ'tfiga] e pós-consonantal ['fɺaku]. A retroflexa típica de Piracicaba é substituída na comunidade tiroleza pelo tepe alveolar vozeado [r] (sobretudo entre os mais velhos), pela vibrante alveolar vozeada [r] (em todas as gerações) ou pela fricativa velar desvozeada [x] (entre os mais jovens); a baixa ocorrência da retroflexa no falar da comunidade é considerada um diferencial de prestígio, que não caracteriza a fala da comunidade tiroleza enquanto “caipira” (num sentido pejorativo). Ainda que os sons da variante caipira sejam muito semelhantes aos sons do português (AMARAL 1920), a retroflexa é geralmente considerada pela comunidade como própria dos bairros vizinhos e não de sua fala, ainda que ocorra entre alguns indivíduos pertencentes às gerações mais novas, que podem ou não alternar o seu uso com o do tepe alveolar ou da vibrante múltipla, em casos como ['karo] / ['kaxo] ['kaɺo] / ['karo] <carro>; [a'rɜme] / [a'rame] / [a'rame] / [a'ɺɜme] <aramé>.

As regras alofônicas atuantes na variedade atingem um razoável número de palavras do português, que apresentam contexto favorável ao surgimento dessas regras como, por exemplo, a presença de alofones diferentes para a ocorrência da vogal baixa nasalizada e para o ditongo **-ão**, também confirmados por LEME (2002: 131), com uso do monotongo nasalizado [õ] como alofone de /awN/ em substituição de [ãw] ou [ɜw], mesmo em sílaba tônica: [nõ] invés de [nãw]; [põ] invés de [pãw]. Raramente ocorre na fala da comunidade a centralização da vogal baixa [a] quando nasalizada, traço típico do Português Brasileiro nos

contextos fonológicos do tipo /vN/ (vogal mais nasal na coda). Em algumas palavras, ocorre uma distribuição diferente das vogais abertas e fechadas, por influência da fonologia trentina, ocorrendo com maior frequência a troca das fechadas pelas abertas.

As variantes coloniais do Sul do Brasil não apresentam uma regra de alçamento vocálico que torna as vogais anterior e posterior médio-fechadas [e] e [o] em vogais anterior e posterior fechadas [i] e [u] (ou [ʊ]) quando em posição postônica, sobretudo em final de palavra: ['avi] <ave>, ['fatu] <fato> – trata-se de uma característica histórica da fala paulista e de demais áreas brasileiras (VIARO 2005). A variante do português da comunidade possui semelhanças com os falares do Sul do Brasil, inclusive na prosódia e a regra de alçamento, que em Piracicaba ocorre na área urbana (variação de prestígio), aparece na comunidade entre os indivíduos com maior nível escolar: gerações mais jovens que freqüentam (ou freqüentaram) as escolas e faculdades da área urbana de Piracicaba e região. O uso das africadas [tʃ] e [dʒ] antes das vogais anteriores [e] e [i] não é comum na variante caipira de Piracicaba e praticamente não ocorre entre os falantes da comunidade tiroleza: ['lejte], ['tia], ['mɔrte], [pa'tijo].

Na variante do português da comunidade existe um grande número de empréstimos lexicais do trentino. As palavras mais usadas são as mais variadas e ocorrem entre todas as gerações de falantes: *barèa* <nojo; asco>; *brut* <coisa ruim; difícil; feia> (principalmente na difundida interjeição *que brut!* <que ruim!>); *stomegàr* <enjoar>; *estomegado* <enjoado> (no trentino *stomegà* - *-ado* ocorre por influência da forma trentina feminina *stomegàda*); *fistola* <afta bucal>; *ghètto* <bagunça; confusão> (*fazer un guétto* <bagunçar>); *làica* <preguiça>; *lavàr zó* (Santa Olímpia) / *lavàr giò* (Santana) <lavar louça>; *magàri* <talvez>; *mus mascherìn!* <não tem outro jeito!> (interjeição mais freqüente em Santa Olímpia); *sbadaciàr* <bocejar>; *schìfo* <nojo; náusea>; *esquifoso* <nojento> (no trentino *schifós*); *sghit* <fezes de galinha ou pássaro>; *spùssa* <mal cheiro>; *espussolento* (no trentino *spussolént*); *ràntega* <asma>; *rùga* <lagarta> (neste interessante caso, a grande maioria dos informantes mais novos quando indagados acredita que a palavra é portuguesa).

3. Empréstimos da variante caipira no dialeto trentino

A influência do português no dialeto trentino existe na comunidade desde a fundação dos bairros, pelo contato dos moradores com pessoas dos bairros vizinhos. Algumas palavras da variante caipira de Piracicaba ocorrem na fala de todas as gerações, principalmente no português falado pelos mais velhos falantes. Palavras de origem indígena ocorrem no dialeto trentino de Piracicaba, que preserva um considerável número de palavras oriundas da *língua geral* outrora falada em boa parte do Brasil.

O dialeto trentino da comunidade utiliza várias palavras da variante caipira, com com realização fonética idêntica à variante caipira de Piracicaba. Na maioria dos casos, o dialeto tende a adequar as palavras às características fonéticas do trentino, inclusive com casos de mudança de entonação de uma sílaba para outra.

Variante Caipira Piracicaba	Trentino Piracicaba	Significado
[tra'ira] [ta.ɣa'ira]	[tara'ira]	traíra (espécie de peixe)
[baso'.ɣa]	[baso'ra]	espécie de arbusto
[bo'dɔke]	[bo'dɔka]	estilingue
[buti'kaba] [boti'kaba]	[boti'kaba] [boti'kava]	jaboticaba
[kaj'era] [koaj'era]	[kaj'era] [koaj'era]	coalheira; peça de couro que se coloca sobre o arreo
[ka'lipiʊ]	[ka'lipio]	eucalípto
[kalipi'a]	[kalipi'a]	bosque de eucalíptos
[kapɔ̃w]	[ka'pon]	capão; moita
[xu'bĩ]	[ru'bin]	rubim (planta medicinal contra bicheira em animais)
[ʔɛka]	[ʔdɛka]	Jeca
[mo'rɔ̃w]	[mo'ron]	mourão
[ʒagwati'rika] [ʒagwatʃi'rika]	[dʒagata'rika]	jagatirica
[ʒaka'rɛ]	[dʒaka'rɛ]	jacaré
[ʒata'i]	[ʔdʒataj]	jataí; jatobá

[mã̃du'i]	[mãndu'i]	amendoim
[laɫ'gatu]	[lar'gat] [lar'gata]	lagarto
['onsa]	['onsa]	onça
[o'ɫisu]	[o'riso]	ouriço
[pĩta'siwgu] [pĩta'si ^w va]	[pinta'selva]	pintassilgo
[xo'jãw]	[ro'dʒoŋ]	rojão
[uɫu'bu]	[ru'bu]	urubu
[gaj'ava]	[gaj'ava] [sgaj'ava]	goiaba
[is'teɫa]	[s'tera]	esteira para grãos
[goja'beɫa] [gaja'beɫa]	[goja'vare] [gaja'vare] [sgaja'vare] [sgaja'vara]	goiabeira
[tɫa'toɫ]	[stra'tor]	trator
['tɜke]	['taŋke]	tanque; açude
['taɸu]	[tas]	tacho
[a'veka]	['venke]	avenca
[vintẽ]	[vin'tin]	vintém
[zã'gãw]	[zaŋ'gon]	zangão
['ɸapa]	['tɸapa]	chapa
[be'zoxu]	[be'zoro]	besouro
[kaxa'patu]	[kara'pat]	carrapato
[ka'ɫũɸu]	[ka'runtɸo]	caruncho
[kĩ'taw] [kĩ'ta]	[kin'taɫ]	quintal; pátio
[ko'keɫu]	[ko'ker]	coqueiro
[ko'kĩn]	[ko'kin]	coquinho
[ĩkos'ta]	[nkos'tar]	enconstar
[ĩfexu'za]	[nferu'dʒar]	enferrujar
['zaka]	['dʒaka]	jaca
[aɫejo] [za'rejo]	[za'rejo]	arreio

Dois casos registrados no dialeto trentino de Piracicaba merecem especial atenção: as palavras ['bruza] e ['bułger]. No primeiro caso, correspondente à palavra *blusa* do português, existem no dialeto trentino as formas *blùsa* ['blusa] ['bluza], *plus(a)* [plus] e ['plusa]. São relativamente comuns no trentino e no vêneto os casos de metástase: *dormìr* / *dromìr* <dormir>; *endormenzàr* / *endromenzàr* <adormecer>; *compràr* / *crompàr* <comprar>. A mudança da lateral alveolar vozeada [l] para o tepe alveolar vozeado [r] é um fenômeno de evolução normal dos grupos de *l* do latim vulgar para o português (lat. *blandus* port. brando; lat. *clavu* port. cravo; lat. *duplu* port. dobro) e também característica na variante caipira de Piracicaba (*clube* por ['kubi], *planta* por ['pɔ̃ta], *claro* por ['kɔ̃o]). Contudo, não nos é possível afirmar se neste caso ocorre um fenômeno do dialeto trentino ou uma interferência da variante caipira do português, que também apresenta a palavra ['bruza]. A palavra *bùlgher* ['bułger] ou *bùlghero* ['bułgero] para designar *bugre* (índio)⁴ não é um caso apenas da comunidade piracicabana. Também BONATTI (1974: 80) registra

⁴ Segundo o dicionário HOUAISS, a palavra “bugre” se originou do francês *bougre* <búlgaro>, originário da forma latina medieval *bulgarus* <búlgaro>, registrada pela primeira vez em 1172 com significando de “herege” ou “sodomita”. A palavra possuía na Idade Média um acentuado sentido pejorativo, associado à seita herética dos bogomilitas que se desenvolveu na Bulgária do século IX, cujo nome se origina em seu fundador, o padre Bogomil. A seita búlgara era associada entre os bizantinos ao maniqueísmo, por sua semelhança com a asiática heresia maniqueísta do século VII. A seita negava o mundo material, considerado uma obra do demônio, artífice da natureza (e presente na natureza humana); desse modo, a seita negava os ensinamentos da Igreja, a liturgia, os sacramentos, o casamento, a autoridade eclesiástica e tudo o que consideravam perecível (não comiam carne). Na Europa Ocidental, a denominação “búlgaro” foi associada à heresia e, no decorrer dos séculos, aos atos considerados heréticos como a sodomia, a prostituição, a pederastia, o incesto e o peculato eram associados ao termo *búlgaro*. Em Portugal, a palavra chegou através da França, sob a forma de *bougre*, significando herege ou sodomita. FREYRE (1963: 178) afirma que o herege era imediatamente associado ao sodomita, de forma que uma condenação gerava a outra. No Brasil, os portugueses chamaram os índios “bugres” por seus hábitos selvagens (nudez, antropofagia) e sua moral vacilante (poligamia, sodomia). BRUNELLO (1996: 21) afirma que na península itálica do século XIX, as palavras *bulgaro* ou *bulghero* preservavam o significado herético, não indicando somente os sodomitas, mas também as pessoas de hábitos brutos e incivilizados. Pudemos registrar a palavra *Buger* <bugre> que ocorre como ['buger] ou ['bugaR] na cidade de São Bento do Sul, em Santa Catarina, colonizada sobretudo por emigrantes alemães (maioria bávaros e suábios); também registramos *Bugersbach* [bugers'bah] [bugas'bah] <rio dos bugres>.

bùlgher no dialeto trentino de Rio dos Cedros – SC, o que torna interessante a sua etimologia no Brasil, uma vez que a palavra ocorre de forma idêntica em duas colônias trentinas distintas.

4. Derivação e neologismos

No domínio semântico da flora e da fauna se encontram mais casos, com vários empréstimos do português caipira, mas há ainda casos em outros domínios. A derivação seguiu na grande maioria dos casos a partir do modelo gramatical e fonológico do trentino, com aparecimento das variantes alomórficas *-àr*, *-àra*, *-àre*, *-àve*, *-ér* e *-èr* em variação livre. Atentamos aqui para o caso das palavras *goiaba* e *goiabeira*, que no trentino piracicabano ocorrem de diversas maneiras e que apresentam, além da adequação fonética trentina, preservação de formas próprias da variante caipira [gaj'ava] [gwaj'ava]. Para a palavra *goiaba* temos: [gaja'va], [sgaja'va], [gaja've] e [sgaja've], e para *goiabeira*: [gaja'vara], [gaja'vare], [goja'vare], [sgaja'vara], [sgaja'vare], [sgaja've].

A partir deste caso, surge o neologismo *gaiavão* [gajaṽw] ou [gaja'võ] <desdentado>, com analogia entre uma goiaba cortada ao meio, que possui a polpa vermelha com poucas e pequenas sementes brancas, e uma pessoa sem dentes. Identificamos duas fases referentes à etimologia da palavra: na primeira, a palavra *goiaba* que no dialeto caipira ocorre como *gaiava*, *gaiaba*, *guaiaba* ou *guaiava* e sofre trentinização, aparecendo *sgaiàva* ou *sgaiavón*; o termo *sgaiavón* perde o *s* inicial (fenômeno comum no trentino) e o alofone [õ] sofre a influência do ditongo nasal /auN/ do português. A etimologia da palavra seria, portanto: dialeto caipira *gaiava* > trentino piracicabano *sgaiàva* > *sgaiavón* > *gaiavón* > *gaiavão*.

5. Conclusão

A preservação de palavras da variante caipira no dialeto trentino de Piracicaba serve para identificar o léxico não somente da comunidade tiroleza, mas o contexto lingüístico da região piracicabana. Formas arcaicas do dialeto trentino são preservadas na fala de comunidade e o pouco contato com a variante culta do português preservou duas variantes

dialetais próprias a cada bairro e um considerável número de palavras da variante caipira do português. Os registros dessas palavras, quando analisamos o dialeto da comunidade ou sua variante falada do português, auxiliam para um registro mais abrangente acerca do léxico da variante caipira no Estado de São Paulo. É sabido que comunidades de imigração geralmente preservam em seu falar diversas palavras do português que foram incorporadas aos seus idiomas originais em determinados momentos históricos e ali se preservaram, indicando estágios da língua que os meios de comunicação de massa ou suprimiram, ou substituíram pela norma culta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- Amaral, Amadeu. 1920. O dialeto caipira: gramática – vocabulário. São Paulo: Hucitec.
- Anegi, A. 1984. Dizionario cembrano. S. Michelle all’Adige: Museo degli usi e costumi della gente trentina.
- Battisti, Carlo. 1960. La distribuzione dei dialetti trentini. Firenze: R. Bemporad.
- Bonatti, Mario. 1974. Aculturação lingüística. Lorena: Faculdade Salesiana / IEHVI.
- Ferreira, Carlota et alii. 1992. Diversidade do português do Brasil – estudos de dialetologia rural e outros. Salvador: Proed.
- Franceschi, Temistocle / Cammelli, Antonio. 1977. Dialetti italiani dell’ottocento nel Brasile d’oggi. Firenze: Cultura.
- Leme, Maria Luisa de A. 2001. Dio, che brut estudá... um estudo lingüístico da comunidade tirolo-trentina da cidade de Piracicaba. Campinas: UNICAMP.
- Viaro, Mario Eduardo. 2001. A construção verbo+advérbio de lugar no romanche: herança latina ou decalque germânico? Tese de doutoramento. São Paulo: USP
- _____. 2005. Algumas considerações acerca do português falado quatrocentista e quinhentista. São Paulo: USP.
- Weinreich, Uriel. 1953. Languages in contact. The Haghe: Mouton.